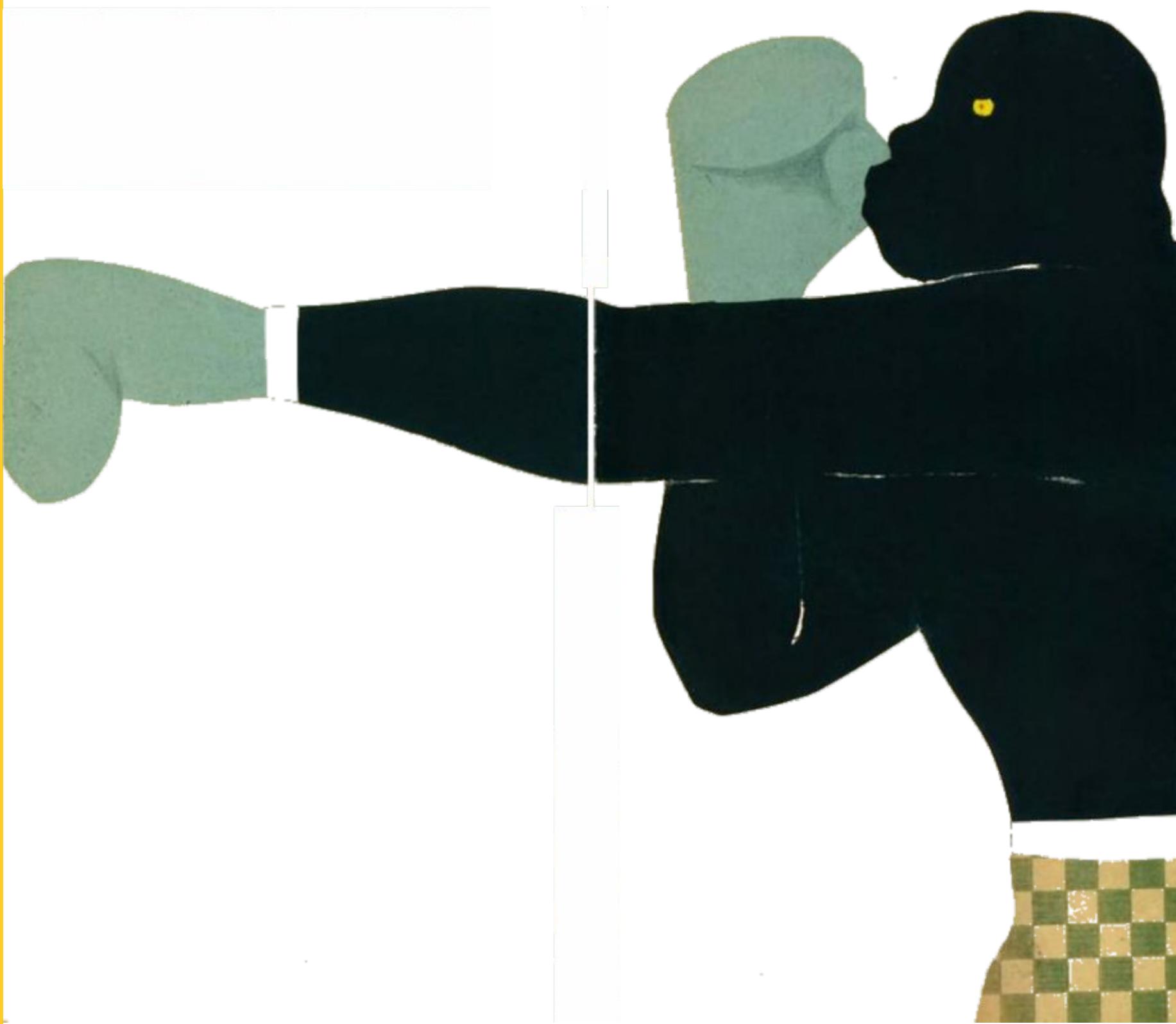


clipp  
ing



# O BRILHO DE 10 DIRETORES EM 2017

*Nesta segunda parte de nossa série de retrospectivas, que prosseguirá por mais alguns dias, acompanhe meus comentários sobre os dez diretores que considereei os mais brilhantes na temporada de teatro para crianças e jovens em São Paulo*

*Dib Carneiro Neto*

*19 de dezembro de 2017*

Quais foram os dez diretores que mais brilharam em 2017 no teatro infanto-juvenil paulistano, de acordo com o site *Pecinha É a Vovozinha*? Eis a lista a seguir, em ordem alfabética.

## CARLOS CANHAMEIRO

À frente da Cia. De Feitos, este é um dos diretores mais ousados e corajosos em atuação no teatro paulistano para crianças. Em *Inimigos*, sua montagem de 2017, mais uma vez não teve medo de sugerir, mais do que revelar. Provocar e atizar, mais do que entregar mastigadinho. Sua direção é o suprassumo da criatividade, valorizando o não-verbal, os símbolos, o casamento com o espaço cenográfico.



## Peça provoca crianças a pensar na “incoerência das guerras”

‘Inimigos’, com a Cia. De Feitos, não poderia ser mais atual: por que mesmo as pessoas estão se sentindo inimigas umas das outras?

Por **Dib Carneiro Neto**

Gosto demais das peças da companhia De Feitos, criada em 2009 e capitaneada pelo diretor Carlos Canhameiro. Já vi ‘O Pato, A Morte e a Tulipa’ (2011), ‘Selma’ (2013) e ‘Achados & Perdidos’ (2015). Sou fã declarado. Acho que eles são um dos melhores e maiores exemplos de grupo que vê o teatro para crianças de forma moderna, inovadora, sem medo de arriscar e de propor linguagens. A Cia. está em cartaz no Sesc Belenzinho por mais dois fins de semana com ‘Inimigos’ - e mais uma vez confirmo o talento do grupo para a ousadia.

A linguagem praticada no palco é mista, múltipla, híbrida. É teatro saudavelmente ‘contaminado’ por muitas artes, como música (sempre ao vivo) e artes plásticas, e por muitas técnicas, como sombras e retroprojeção. Nada é mastigadinho, tudo é sugerido, simbolizado, proposto. Desta vez, o espaço para o não-verbal é bastante priorizado. É preciso estar atento a tantas sugestões e ideias vindas de elementos alegóricos, como placas, desenhos, painéis, cartazes.

O uso em cena de convenções gráficas, códigos e sinais é fartamente criativo. Como o hilário momento (auxiliado pela trilha sonora incidental) em que se faz referência aos botões/teclas de pause, play, rewind e forward. A identificação da plateia é imediata. Na cenografia, o uso de bobinas de papel e papelão é um recurso visual inteligente, instigante e, claro, plasticamente belo. Na trilha sonora cantada ao vivo, é divertidíssimo o truque de soltar sempre a mesma canção cada vez que algum personagem usa a palavra ‘manual’. Funciona muito bem.

E por que ‘manual’? Pois a peça fala de manuais de guerra. A história se passa em algum lugar que poderia ser uma cidade, uma floresta ou um deserto onde existem dois buracos. A guerra coloca dois soldados em lados opostos. E assim eles ‘brincam’ de ser inimigos conforme ensina o manual da guerra. Porém, os dois inimigos são exatamente iguais, quase sempre assustados, com saudades das famílias, nervosos, com frio, com calor e com fome. Seus manuais são exatamente iguais. Então, por que lutam? Esse é justamente o importante tema do espetáculo: a incoerência das guerras. Trata-se da livre adaptação do livro O Inimigo, do consagrado escritor suíço Davide Cali.

A propósito do tema, Canhameiro, diretor e autor da adaptação, escreveu no programa da peça: “Quem é o inimigo? Quem é você? Assim cantava uma tal Legião Urbana, lá pelos idos de 1985. E parece que ainda hoje continuamos sem saber se o vizinho, o time adversário, a cor da camisa, a crença alheia, o sexo oposto etc. é o inimigo ou se somos nós. Inimigos por qual razão mesmo? Há razão para sermos Inimigos?” Ou seja, é realmente um assunto muito atual, tão atual que a esperta adaptação tira proveito disso e faz certas referências ao Brasil de hoje. O adaptador amplia em vez de restringir o tema. Os ‘inimigos’ podem ser rivais no futebol, diferentes na escolha da religião, fanáticos por partidos políticos e assim por diante.

Uma última observação, não sobre a impecável peça, mas sobre o público da peça. Justamente por ser um espetáculo que mais sugere do que ‘entrega de bandeja’, a ansiedade dos pais - ah, esses adultos - sobe pra Lua. Fiquei chocado mais uma vez ao constatar o quanto os pais e as mães ficam ‘narrando’ a peça para os filhos, em voz alta, sem a menor cerimônia, como se estivessem na sala de casa, sem se preocupar se estão incomodando a pessoa ao lado. Mais grave até do que incomodar a pessoa ao lado, é não deixar o filho descobrir o espetáculo sozinho, é tirar dele a chance de entender por si só as convenções, as referências, as sugestões. Por que essa necessidade de ficar contando para a criança o que está acontecendo no palco? Se ela não entender tudo, vai perguntar depois. E nem é necessário captar tudo. Cada um terá um tipo de fruição do tema, da proposta, da encenação. Isso é que é rico no teatro. Isso é que é lindo na Cia. De Feitos. Condeno há tempos e sempre condenarei essa ansiedade dos adultos nas plateias de teatro infantil. E tenho dito.

# críticas

## A solidão de um pinguim como metáfora da vida

Cia. de Feitos faz de 'Achados & Perdidos' uma lição de criatividade cênica, brilhando com múltiplas linguagens e um tema inusitado

Por **Dib Carneiro Neto**

Completando cinco anos em plena atividade, a Cia de Feitos está em seu terceiro espetáculo para crianças, sempre escolhendo temas fortes, inusitados, ousados, “supostamente espinhosos”, como eles dizem. O primeiro foi 'O Pato, A Morte e A Tulipa', baseado em livro do autor alemão Wolf Erlbruch, que punha em cena a personagem da morte. O segundo foi 'Selma', baseado em livro da alemã Jutta Bauer, com a proposta de responder a uma questão que atíça os jovens: o que é a felicidade? Agora, o grupo está em cartaz com 'Achados & Perdidos', baseado em livro do irlandês Oliver Jeffers. O assunto sisudo desta vez é... a solidão.

Trata-se de um grupo de muita personalidade, que nesses cinco anos construiu uma 'cara' própria, bem particular, cultivando nos três espetáculos uma mesma linguagem bem coerente e criativa. Sonoplastia ao vivo com DJ, canções executadas também ao vivo (o luxo de manter uma banda em cena), dramaturgia voltada basicamente para o teatro narrativo e uma cenografia sempre rica em objetos e adereços que 'falam', ou seja, que ajudam a contar a história de forma inusitada e atraente para todas as idades.

Há tudo isso em 'Achados & Perdidos', uma delícia de espetáculo, com um frescor cênico capaz de atrair tanto o irmãozinho mais novo quanto o adolescente mais rabugento da casa. O que você faria se um dia acordasse, abrisse a porta de sua casa e se deparasse com um pinguim de verdade, vivo, ali parado, à espera de ser cuidado? O menino da peça resolve começar pela sessão de “achados e perdidos” de seu bairro e lá se depara com dois funcionários hilários, maluquinhos até não mais poder. O jogo de palavras entre eles é estimulante, rico, altamente simbólico e alegórico. Sensacional. Teatro feito com muita inteligência e sem subestimar a criança.

O lance vai ser viajar ao polo sul para devolver o pinguim à sua terra natal. Mas é isso o que ele quer mesmo? E o menino? Vai viajar em busca de si próprio, claro. É tudo bem metafórico, sem perder o tom de graça. A cena da tempestade de neve é uma das mais bonitas da atual temporada de teatro para crianças. Não só pelos efeitos simples que ganham uma eloquência incrível, mas pelo casamento com a trilha em uma canção linda, harmoniosa com a trama, envolvente - na voz de muitos recursos da atriz Paula Mirhan. É o ponto alto da peça, a meu ver.

No elenco estão todos igualmente bem: Artur Kon, Carla Massa, Giscard Luccas, Paula Mirhan, Paula Serra e Rui Barossi. Direção e dramaturgia são de Carlos Canhameiro (aplauso de pé!). Destaque também para os bonecos, assinados por Rita Elias Mouro. Não perca por nada, ao contrário, vá se achar em 'Achados e Perdidos'.

## brincadeiras sensíveis em torno da morte: por que não?

*dib carneiro*

há tempos eu não via uma abertura de espetáculo infantil tão empolgante. uma ideia simples e trivial - guerra de travesseiros no quarto das crianças - abre alas para uma delícia de atração, o pato, a morte e a tulipa, que cumpriu temporada em março no teatro cacilda becker e agora faz uma segunda etapa no sesc santana, em são paulo, até 4 de setembro, só aos domingos, num horário mais cedo: 14 horas. no fim de setembro, parte para o festival de teatro de blumenau.

não espere uma superprodução. a simplicidade dá o tom em tudo. o importante é que o efeito na plateia é que é 'super', isso é o que vale mais. risadas e gargalhadas na hora certa, silêncio respeitoso quando necessário: o que melhor do que isso poderíamos querer como resultado?

para sua primeira peça para crianças, a cia. de feitos, criada em 2008, foi buscar inspiração no livro de mesmo nome, escrito pelo alemão wolf erlbruch, que também é ilustrador e já foi premiado com o chamado 'nobel da literatura infantil', o prêmio hans christian andersen (aquele que a brasileira ana maria machado também já ganhou). o livro foi lançado no brasil recentemente pela editora cosac naify.

o tema? morte. sim, olha aí mais uma prova de que os encenadores enfim entenderam que este não pode mais ser um tabu no teatro infantil. o texto, assinado pelo diretor carlos canhameiro (integrante da cia les comedians tropicales), com a colaboração do grupo todo, é cheio de imagens, metáforas, prosa poética e pertinentes referências a brincadeiras de infância de antigamente.

o jeito como eles brincam com as palavras é fascinante. sangue vira catchup de cachorro quente. outro exemplo: antes de dizer a frase "o sonho acabou", o personagem come um sonho inteiro desses de padaria... há muito mais, como alterar ditados conhecidos de sabedoria popular. ou seja, nota dez para a criativa adaptação do livro, que alçou voos complementares à própria 'viagem' que o autor alemão nos propõe em direção ao conhecimento e aceitação da morte.

um pato (interpretado ao mesmo tempo ou alternadamente por três atores do grupo: artur kon, giscard luccas, leandro ivo) começa a perceber que uma mulher misteriosa o está seguindo o tempo todo. puxa conversa e descobre que ela é a morte. sim, e veio buscá-lo... a partir daí, surge uma sólida amizade entre eles. o pato ensina a morte a brincar e até a descansar, coisa que ela nunca fazia. tudo isso é mostrado de um jeito muito sensível e cuidadoso, com o auxílio de uma trilha sonora bem divertida, como as canções dos titãs com letras trocadas ('o pulso da pata do pato', inspirada em 'o pulso', e 'esportes radicais', inspirada em 'o que').

um telão em cena (outra recurso recorrente nas montagens infantis que tenho visto em 2011) serve de 'cenografia animada'. sombras são usadas o tempo todo como apoio narrativo, mas não só. o telão recebe pinceladas de tinta, jatos de água, papéis picados, recortes de jornais - e tudo fica plasticamente belo. brincar de fazer letras do alfabeto com a sombra do próprio corpo é outro ponto alto. a cena final, quando a morte vai embora, é muito bonita - e também tem a ver com o telão (não vou contar). aliás, o que faz a tulipa no título da peça? vá descobrir.

os atores estão bem integrados à proposta de atuar brincando. e o que é melhor: interpretam crianças sem aquele ranço tatibitate que muitas vezes nos irrita no teatro infantil. a atriz que faz a morte (denise cruz) tem um forte sotaque interiorano, sobretudo nas letras r, e isso adquire um tom a mais de brincadeira. reflitam sobre dois argumentos que ela usa para convencer o pato de que morrer é natural:

1) sobre a vida: "por que você tem medo de perder uma coisa que, ao ser perdida, não poderá mais ser lamentada?"

2) sobre a hora de morrer: "não pode ser penoso algo que acontece só uma vez."

# críticas

sandra parra / fentepp

no quarto dia da mostra de teatro infantil do fentepp, dia 01 de setembro, tivemos no teatro César Cava a apresentação de “o pato, a morte e a tulipa, com a cia. de feitos, de São Paulo.

a peça, baseada no livro homônimo de Wolf Erlbruch, conta a história de um pato que se vê, certo dia, sendo seguido pela morte; ele a chama para brincar e uma amizade se estabelece entre eles. a dramaturgia, bem construída, não se limita a apenas reproduzir o livro, e certamente não cai na tentação de transformá-la em uma narrativa moralista ou simplista. segundo os atores, as cenas foram construídas a partir de improvisações; assim, brincadeiras de criança fazem não apenas número na encenação, mas constroem um chão firme que confere segurança e bom direcionamento à peça, e ao mesmo tempo agilidade e leveza.

o figurino, muito eficiente, também foge totalmente do clichê, indicando o pato apenas por uma viseira que imita um bico, e caracterizando a morte como um aviador, sempre no alto de uma escada - uma caracterização que lembra muito o que qualquer criança poderia fazer em casa, brincando de faz-de-conta. o cenário é esteticamente interessante, sem deixar de ser eficaz. serve tanto aos recursos técnicos da encenação quanto à narrativa, ao ampliar o escopo e as possibilidades imagéticas que ela oferece, trabalhando principalmente com base em projeções e jogos de sombra feitos por trás de uma tela branca, estendida no meio do palco. e faz isso sem atrapalhar a evolução dos atores, que se adaptam e exploram bem o exíguo espaço que lhes sobra no palco.

os atores apresentam bom preparo técnico tanto para lidar com a proposta estética quanto com o público em si. ainda que algumas vezes eles possam parecer ter uma postura cênica um pouco solta demais, o próprio esquema de brincadeiras que eles se propõem como estrutura os obriga a estarem atentos e presentes. assim, eles nunca perdem o domínio da narrativa ou da atenção do público, mesmo mesmo em uma sequência de cenas líricas ou silenciosas. também o jogo entre a figura “ao vivo” dos atores e as sombras é muito dinâmico, e mantém a atenção da garotada presa ao palco todo o tempo.

ao longo da peça, eles trazem uma série de jogos infantis em que a morte é nomeada de alguma forma, desde brincadeiras de rua como “lá em cima do piano tem um copo de veneno” e “vivomorto”, até a última novidade em vídeo-games. eles evidenciam assim, com graça, mas ao mesmo tempo com seriedade, o quanto a morte está presente no imaginário infantil - e que negá-lo, ou tentar afastar as crianças disso não só as subestima como as priva de uma importantíssima parte de sua aprendizagem de viver no mundo.

mas não é só de morte que trata a peça. na adaptação da cia. de feitos, o pato são três: dois olham para a figura da morte com estranheza e desconfiança, logo que ela chega; o terceiro, no entanto, faz questão de trazê-la para nadar no lago. assim, além da discussão sobre o que é a morte, e como ela faz parte da vida, a peça se torna também uma metáfora sobre inclusão, aceitação, quebra de preconceitos. independentemente do que se diz da morte, o pato olha para ela, vê como ela é: seu sorriso, seu jeito tranquilo, quase amigável, e decide então, por si mesmo, que é uma boa ideia ter ela por perto. por que recusar a oportunidade de ter um amigo? a amizade faz a morte aproveitar a vida.

mas o tempo passa, e o pato morre. simples assim, sem barulho nem histrionismos. a morte o leva - quase triste... mas inexorável. é assim que as coisas são. os atores contam que alguns pais e professores se ressentem da maneira direta e clara como o assunto da morte é tratado; os adultos parecem sentir uma certa necessidade de “proteger” seus filhos da possível cruzeza ou tristeza que esse tema possa trazer. mas essa preocupação não encontra ressonância no público-alvo, que lida com o assunto da morte com a mesma clareza e simplicidade apresentada pelo grupo. eles dizem que, eventualmente, são questionados por alguma criança: “por que o pato morre no final?” a resposta não pode ser outra, em consonância com a peça: “porque sim. porque é isso o que acontece com todo mundo; é natural.” elas entendem a justeza da afirmação, a lógica que isso carrega. e não se preocupam mais. crianças são seres de uma complexidade altamente coerente.

a peça não oferece respostas prontas, não se propõe a transformar em algo linear e consequente algo que é tão caótico quanto a própria vida em si - e é nesse sentido que eles apresentam a morte, não como o fim da vida, mas como parte dela. nesse sentido, o grupo reconhece (com um sorriso...) que a peça possa ser perturbadora para os pais, pelas questões e reflexões que gera nas crianças - questões que, se tudo correr bem, elas poderão levar para casa, para a escola, para a vida, obrigando os adultos a olhar para elas, gerar respostas, entrar em diálogo. ainda que não fosse apenas pela sua excelente qualidade artística, a peça “o pato, a morte e a tulipa” é uma ótima contribuição para uma mostra de teatro infantil.

## **selma, a ovelha que sabe ser feliz**

**peça da cia de feitos tem pegada filosófica e uma proposta visual arrebatadora**

*dib carneiro*

depois do sucesso de sua primeira peça para crianças, o pato, a morte e a tulipa, baseada em livro de wolf erlbruch, a cia. de feitos, criada em 2008, foi agora buscar inspiração em outro livro infantil famoso na alemanha, selma, da também premiada autora e ilustradora jutta bauer. selma é uma ovelhinha feliz. realiza atos comuns e corriqueiros, com satisfação e sem complicações. pratica o jeito simples de viver e essa é a sua receita de felicidade. na alemanha, a rechonchuda e carismática ovelha virou até protagonista de um desenho animado na tv.

a peça do grupo paulistano, livremente inspirada no livro, acertou em tudo. perde o ritmo em determinados momentos, como se a trama ralentasse, mas é coisa pouca, que não chega a comprometer todo o banho de criatividade que nos despeja do palco a cia. de feitos. de cara, você e suas crianças vão se encantar com os figurinos e o cenário na cor branca. no palco, tudo é branco mesmo, incluindo cada objeto: os móveis, a geladeira, a televisão, até o pinguim na cozinha - tudo na cor branca. o efeito é deslumbrante e facilita a proposta do grupo de mais uma vez usar projeção de imagens pelo cenário. o uso da tecnologia, aliás, é exemplar, pois o casamento com a dramaturgia se dá de forma harmoniosa. os personagens até acessam o google para uma pesquisa, durante a trama, sem ficar uma cena forçada ou deslocada do enredo.

a 'pegada' filosófica do livro é bem desenvolvida na peça, que não cai na chatice ou no ranço de autoajuda. para tanto, também contribui muito a música, que é bem forte no espetáculo. um casal de músicos faz tudo ao vivo e dentro de um armário branco, cujas portas se abrem e se fecham de acordo com as necessidades da trilha. há muitos popurris cativantes, como o que reúne várias músicas cujas letras falam de felicidade. nada mais apropriado para uma peça que se propõe a refletir justamente sobre isso: o que é a felicidade. logo no início, há um momento impagável, delicioso de se assistir: é quando os atores têm de decidir como vão representar em cena a figura da ovelha selma. surgem várias propostas, que se alternam entre encantadoras, engraçadas, estranhas e inusitadas, mas todas muito criativas. é um eficiente exercício de criatividade explícita, ou seja, o processo de criação sendo exposto ao público. para as crianças de menor idade, o visual já vale todo o espetáculo. o uso de balões brancos e até de algodão doce resultam em uma plasticidade incrível. pais e filhos podem curtir juntos, desde que não esperem por uma fábula linear com começo, meio e fim. aqui, o lance é outro. vida longa para cia. de feitos. o elenco - excelente! - é formado por artur kon, carla massa, giscard luccas e paula serra, que atuam sob a direção talentosíssima de carlos canhameiro. a música ao vivo fica a cargo de paula mirhan e rui barossi.

• programação • cursos • turismo • unidades • serviços • contéudoteca • livraria

## Repertório Cia. de Feitos

Como falar sobre temas que nem sempre estão presentes nas histórias infantis, como a morte ou a solidão?

Essas e outras questões estão reunidas na Mostra de **Repertório da Cia. de Feitos** realizada no Sesc Pompeia.



**CIA.**  
**DE**  
**FEITOS**

## Peças de teatro infantis inspiradas na literatura são sugestões da semana para crianças

Mariana Chama/Divulgação



"Inimigos", inspirado em obra de Davide Cali, que trata de tempos de intolerância, em encenação da Cia. de Feitos

POSTADO EM 01/05/2018

## Espetáculos para crianças exploram no palco a solidão e a guerra

Trecho de Achados e Perdidos, da Cia. De Feitos (Foto: Mariana Chama)

De 6 a 31 de maio de 2018, o **Sesc Pompeia** recebe uma mostra de espetáculos infantis da **Cia. De Feitos**; serão duas peças apresentadas aos domingos, sempre às 12h. A primeira, **Achados e Perdidos**, fica em cartaz do dia 6 a 13 de maio, e a segunda, **Inimigos**, de 20 a 27 de maio, — com sessão extra no feriado de 31 de maio, quinta-feira, às 12h.

Criada em 2008, a **Cia. De Feitos** é um projeto derivado da **Cia. Les Commediens Tropicales** — essa voltada ao teatro adulto — e, como resultado de suas pesquisas cênicas, adentra ao mundo do teatro infantil abordando temas considerados "tabus" para crianças. Essas temáticas tangem vivências "sombrias", questionamentos filosóficos e existencialistas, assuntos mais direcionadas ao público adulto, como a **morte**, a **busca pela felicidade**, a **solidão** e a **guerra**. O intuito não é o de rotular esses sentimentos ou de trazer uma moral às crianças, mas um desafio à própria Cia. sobre a linguagem cênica ideal para falar sobre esses temas, atingindo lugares e questionamentos diferentes. Para isso, se apropriam da essência de obras literárias já existentes para a criação de novos enredos.

CLARA NOBRE  
DE CAMARGO

# Crianças

Cotações | Pésimo ● | Fraco ○ | Regular ○○ | Bom ○○○ | Muito bom ○○○○ | Excelente ○○○○○

Os atores Denise Cruz e Leandro Ivo em ação: reflexões existenciais



## Sem choro nem vela

Uma abordagem leve e bem-humorada sobre o fim da vida na peça O Pato, a Morte e a Tulipa

AVALIÇÃO ○○○

Falar sobre a morte virou assunto recorrente nos palcos infantis, por mais estranho que isso possa soar. Algumas montagens erram o tom e causam constrangimento na plateia. Outras vão pelo caminho do humor, encantam e criam uma brecha para a família conversar sobre o tema. É o caso da simpática *Tem, Mas Acabou*, atualmente no Teatro do Sesc Belenzinho, e da divertida *O Pato, a Morte e a Tulipa*, em cartaz no Teatro Cacilda Becker. Levada pela Cia. de Feitos, a peça dirigida por Carlos Canhamero transforma a morte em um personagem pronto para fazer reflexões sobre sua "profissão". Inspirada no livro do alemão Wolf Erlbruch, a história apresenta três patos (os atores Artur Kon, Giscard Luccas e Leandro Ivo) perseguidos pela sinistra figura (Denise Cruz). Intrigados, eles tentam descobrir o que acontece quando tudo termina e passam a temer por esse dia.

Projeções coloridas em uma grande tela, além de criativos efeitos de luz, representam os vários ambientes e os momentos de devaneio das aves sobre a hora da partida. Há espaço ainda para as músicas *Rap do Patinho*, *O Pulso do Pato do Pato* e *Esportes Radicais*. O texto também faz graça da relação do mundo animal com o fim da vida, como quando um dos bichos diz: "Pato bom vira cisne e pato ruim vira marreco depois de morrer". Apesar do tom de comédia, vale o aviso: os menorzinhos podem ficar amedrontados com algumas situações.

*O Pato, a Morte e a Tulipa* (50min). Estreou em 5/3/2011. Rec. a partir de 7 anos. Teatro Cacilda Becker (195 lugares). Rua Tito, 295. Lapa, ☎ 3864-4513. S. Sábado e domingo, 16h. R\$ 5,00 (crianças de até 12 anos) e R\$ 10,00. A bilheteria abre uma hora antes. Até domingo (27).

**Serviços de venda de ingressos**  
K Ingressos.com, ☎ 4089-2330. Cx. todos.  
www.ingresso.com | IR Ingresso Rápido, ☎ 4089-0102.  
Cx. D, 311 v. www.ingressoexpresso.com.br |  
TF Tickets by Fun, ☎ 4089-6464. Cx. todos.  
www.ticketfun.com.br

**Pontos de venda de ingressos**  
Frac. Plaza das Olimpíadas, 34, Pinheiros, ☎ 3579-9000, e Avenida Paulista, 901,  
☎ 2325-3000. | Franquia-Iléus, Cx. todos | ST Show Tickets (Shopping Iguatemi),  
☎ 3091-3098 e 3815-9874. Cx. todos | TF Auditório Itaquape, Bar. Itaquape,  
Cobanek Hall, Frac. Savassi Mega Store (Shopping Anália Franco, Center Norte,  
Bilacinho, Itaquape, Morumbi, Pátio Paulista e Vila Olímpica) e Teatro Abril

**Cartões de crédito e débito**  
Cx. A American Express | D Diners | M Mastercard | V Visa  
Cx. M Maestro | R Rede Shop | V Visa Octicon

**Símbolos**  
A: Acesso para deficientes físicos | B: metró a menos de 500 metros

São Paulo 25 de março, 2011

129

28 Guia Folha | 25 a 31 de dezembro de 2015

melhores de 2015

o melhor  
espetáculo infantil de teatro

2015



'MAS POR QUÊ???' A HISTÓRIA DE ELVIS'  
9 pontos



'SINBAH, O NAVEGANTE'  
7 pontos



'ACHADOS E PERDIDOS'  
3 pontos



Foto: Henrique/Divulgação

1º

**BIÁ ROSENBERG**  
Crítica de teatro infantil e criativa e direção de programas de TV para crianças

'Mas Por Quê??? A História de Elvis'  
Uma peça sobre uma música sensível aprende a verdade de ganhar e perder na vida

2º

**'Sinbah, o Navegante'**  
Uma viagem ao mundo de antigamente, que faz memorização das interações

3º

'Antes do Amanhecer'  
Poesia e publicação de histórias para divertir crianças e adultos, em uma releitura de linguagem clássica

**DIB CARNEIRO NETO**  
Empresário e crítico de teatro infantil e autor da revista "Craquel"

'Achados e Perdidos'  
Cl. de feitura estanca inteligência, inovação e criatividade

'O Ministério do Sapato Desaparecido'  
Teatro Por Um Troço faz os sapatos revivem o baile da Onzeira

'O Releinho Mandão'  
Alunos muito especiais encenam sob o batido afetuoso de Roberto Lage

**FABIANA FUTEMA**  
Do blog "Histórias de Fabi"

'Mas Por Quê??? A História de Elvis'  
Musical sobre a história de morte, um tempo pouco abordado nos palcos infantis

'Acampatório'  
Casa divertida montagem da Cia. Tróia mostra o valor de amizade e da brincadeira

'Canção dos Direitos das Crianças'  
Dove crianças de Tróia e Delfina Andressa, história mostra a força do trabalho coletivo

**GABRIELA ROMEU**  
Crítica de teatro infantil de "Lula"

'Mas por quê??? A História de Elvis'  
Uma história infantil estanca beleza de morte, tratado como rito de passagem

'Sinbah, o Navegante'  
Navegante muito divertido no aventura no mar revolto

'Bicho, Bichinho, Bichão'  
Delicosa queridinha estanca com música e dança sobre bichos de todas as espécies

**MÔNICA RODRIGUES DA COSTA**  
Editora de Publicidade e crítica de teatro infantil de "Lula"

'Sinbah, o Navegante'  
Navegante muito divertido no aventura no mar revolto

'Cinderela Lá Lá Lá'  
Frescos que se espalham e tem muitos valores a realizar

'Canção dos Direitos da Criança'  
Santos e garotas compartilham valores e compõem músicas

guia

FOFHA  
SÃO PAULO

SÃO PAULO  
COMPANHIA DE  
DANÇA  
CRIAÇÃO: ANAÍSA DE ALMEIDA

VEJA A PROG  
WWW

cinema

teatro  
dança

passéis  
exposições | criança

shows  
concertos

criança

MÚSICA DETALHADA

Maior | Menor

Enviar por e-mail

Comunicar erros

Imprimir

Compartilhe

08/06/2013 - 18h29

## Inspirada em obra alemã, peça infantil usa ovelha para discutir a felicidade

As informações estão atualizadas até a data acima. Sugerimos contatar o local para confirmar as informações

DE SÃO PAULO

8+1

A peça infantil "Selma", que reestrea neste sábado (dia 10) no Teatro João Caetano (zona sul de São Paulo), mostra o dia a dia de uma ovelha, que se divide entre comer grama, dar aulas aos filhotes, praticar esportes e dormir. Mas ela encara essa sua rotina de uma maneira toda especial. A partir disso, o espetáculo aborda a questão: o que é a felicidade?

Encenada pela Cia. De Feito, a montagem é uma adaptação do livro homônimo de Jutta Bauer, autora e ilustradora alemã que ganhou o prêmio Hans Christian Andersen de literatura infantil.

- Disputado, passeio de trem para Paranapiacaba leva a locais históricos
- Realizado no Masp, novo "talk show" reúne artistas para falar de música e teatro
- Bom e Barato: Nova seção do "Guia" indica atrações por até R\$ 12

Ezyê Fotografia/Divulgação



fotos

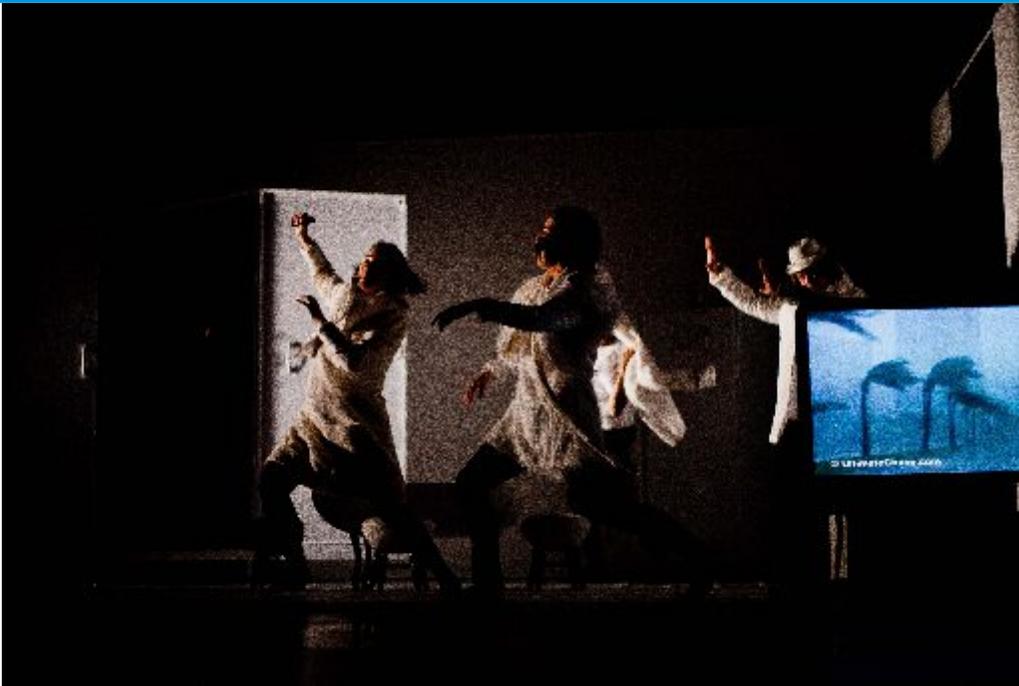
# INIMIGOS



# achados & perdidos



# selma



# o pato, a morte e a tulipa

